

## "Me faz um Dó Menor, por favor meu compadre!": códigos, gestos e sinais na roda de samba

A roda de samba é um importante elemento na construção das socialidades, identidades e aprendizagens e têm sido a principal estrutura física que gestou gêneros e estilos musicais pelo Brasil, principalmente os gêneros ligados as tradições de matrizes afrobrasileiras e indígenas. Gêneros como o samba, o maxixe, o lundu, o choro, os côcos, enfim, entre muitos outros, foram gerados no exercício proporcionados pelos sujeitos nos momentos em que a roda se coloca como a instância mobilizadora dos códigos e sinais que comunica por meio da linguagem do corpo. O corpo, por sua vez, principalmente em se tratando de tradições de matrizes afrobrasileiras é a "casa" que habita o ritmo, além de um espaço de experiência, ele se ressignifica nas rodas de samba pelo Brasil e acaba por enunciar uma nova epistemologia: a epistemologia de Exu.

Enquanto narrativas sonoro-musicorporais que residem, entre outros espaços, nas rodas de samba, os sambas produzem múltiplas formas de comunicação, acessíveis aos partícipes que conversam através de distintas linguagens não verbalizadas que atravessam seus corpos e mentes. Um sinal com o dedo indicador indica uma tonalidade ou a mudança dela, uma inclinada com a cabeça aponta um breque, uma modulação tonal, um avanço com o corpo à frente indica o pedido de mais cadência para o samba ou mesmo uma palhetada do cavaquinho pode apontar o fim da música.

As dimensões em que o uso do corpo se inscreve na comunicação elaborada no contexto sociomusical das rodas de samba e de seus partícipes é ritmado pelo uso sistemático da síncope. Segundo Sodré (1998), a síncope proporciona ao negro brasileiro uma retomada a sua condição ancestral, na medida em que a percussividade criada pelas síncopes por meio do samba e do candomblé, redefinem a sua corporalidade através das possibilidades engendradas pelo impulso mobilizador que se abre ao tocar o samba e as batidas do candomblé. Entre uma batida e outra, entre breques e compassos, um terceiro elemento é acionado, justamente no momento em que a ausência de som, como um imã, magnetiza o corpo e o invoca a preencher este espaço, esta pausa. Esse chamado, o apelo da síncope na construção da sociomusicalidade do brasileiro, é o que Sandroni (2000) sintetizou como a forma paradigmática como o negro após a década de 1930, constituiu um tipo de brasileiro que se reorganizou no contexto brasileiro, a partir de sua noção ancestral de contrametricidade, podendo ser traduzida aqui, por ora, como o uso da síncope.

Essa noção ancestral é levada a cabo nas rodas de samba, pois o idioma destas

articula-se por meio da corporalidade acionada pelas batidas, pelos breques, pelos ritmos e tons. Essa consciência criada pelas sonoridades, desenvolve um discurso sonoro-musical que implica no conhecimento prévio das normas e regras de funcionamento do espaço das rodas de samba, na medida em que todo aprendizado institui-se de forma informal e pelo exercício da prática musical entre os pares - sambistas - . E todo aquele que não compreende o código das rodas de samba deve sempre pensar em sua inserção, levando em conta o que os grandes mestres nos ensinam, pois os que se iniciam nesta prática devem "chegar, chegando", ou como diria Zeca Pagodinho, "chega como eu cheguei, pisa como eu pisei, no chão que me consagrou".

#### Palavras Chaves

- a) Rodas de samba    b) corpo    c) comunicação    d) sonoridades